

Reflexão Estética da Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Reflexão Estética da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
R332	Reflexão estética da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-428-3 DOI 10.22533/at.ed.283192506 1. Literatura – Estética. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos literários têm sido utilizados com as mais variadas funções no processo de ensino e aprendizagem. São utilizados para trabalhar as habilidades de leitura, escrita e reflexão nas ações de alfabetização e letramento dos sujeitos.

A variedade dos textos literários no processo de formação linguística é bastante ampla. Para citar apenas alguns estilos de textos literários, temos, as poesias, os poemas, os sonetos, os romances, os contos, as crônicas entre outros.

São discutidas, neste livro, as questões literárias do ponto de vista da estética, sobretudo da análise de obras literárias no processo de formação e educação da sensibilidade dos sujeitos, tanto na escola quanto fora dela, por isso, esta obra revela doze trabalhos reflexivos aos leitores e aos interlocutores que queira se aventurar no mundo do conhecimento, conforme serão apresentadas a sínteses, a seguir.

No primeiro capítulo é oferecida uma nova possibilidade de análise do monólogo interior de Addie Bundren, personagem central de *Enquanto agonizo*, romance de William Faulkner, publicado em 1930. No segundo capítulo, a autora estabelece uma relação entre texto e imagem na obra *Simbad, o Marujo*, obra anônima e adaptada por Ana Maria Machado.

A autora do terceiro capítulo discute a resistência da poesia no meio capitalista, em que se prioriza o material em detrimento da emoção humana. No quarto capítulo, o autor analisa contos de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, obra publicada pela primeira vez em 1962.

No quinto capítulo, a autora rediscute os desafios do texto, partindo de uma temporalidade como componente essencial da narrativa. O autor do sexto capítulo traça algumas considerações sobre o espaço, visando estender o problema para as literaturas minoritárias em geral.

No sétimo capítulo, a autora investiga o contexto de elaboração escrita em *O chão dos pardais*, de Dulce Maria Cardoso, de Gonçalves Neto e Gama. A autora do oitavo capítulo demonstra como o duplo sedimenta a ocorrência do narcisismo, materializando-se no personagem Dorian Gray.

O autor do nono capítulo além de relatar tem a função de inspirar outros docentes do Ensino Fundamental II quanto à aplicação do livro-jogo em sala de aula. No décimo capítulo, o autor discorre sobre o inconsciente político de Juan Rulfo, com o objetivo de elucidar as questões do mundo rural presente em Pedro Páramo.

No décimo primeiro capítulo o autor problematiza as concepções estéticas na formação de plateia para o teatro, apresenta os elementos que compõem a cena teatral, além de fundamentar o papel importante da instituição escolar na formação de público para o teatro. E, por fim, no décimo segundo capítulo o autor investiga a formação da identidade goiana manifestada em noções de *atraso e progresso* contidas na obra *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos.

Assim, todos os trabalhos apresentam diferentes estéticas, teorias e práticas,

estabelecem a ampliação das reflexões, problematizam as investigações, além de ensinar outras poéticas literárias.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ADDIE BUNDREN NO REINO DO INDECIDÍVEL: UMA LEITURA DESCONSTRUTIVA DE WILLIAM FAULKNER	
Leila de Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.2831925061	
CAPÍTULO 2	14
SIMBAD, O MARUJO: TECENDO RELAÇÕES ENTRE TEXTO E IMAGEM	
Jaqueline de Carvalho Valverde Batista	
DOI 10.22533/at.ed.2831925062	
CAPÍTULO 3	34
RENATO RUSSO E A POESIA DE RESISTÊNCIA EM O DESCOBRIMENTO DO BRASIL E GIZ	
Elisângela Maria Ozório	
DOI 10.22533/at.ed.2831925063	
CAPÍTULO 4	46
FIGURAÇÃO DA INFÂNCIA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS	
Eldio Pinto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925064	
CAPÍTULO 5	61
O ESPAÇO EM <i>A PAIXÃO SEGUNDO G.H</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Gilda Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.2831925065	
CAPÍTULO 6	70
ESPAÇO E EXIGUIDADE NA CARACTERIZAÇÃO DAS LITERATURAS MINORITÁRIAS	
Nelson Luís Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2831925066	
CAPÍTULO 7	81
A INVERSÃO DAS MÁXIMAS EM OS MEUS SENTIMENTOS, DE DULCE MARIA CARDOSO	
Gabriela Cristina Borborema Bozzo	
DOI 10.22533/at.ed.2831925067	
CAPÍTULO 8	92
O LIVRO-JOGO COMO ATRATIVO LITERÁRIO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2831925068	
CAPÍTULO 9	101
O INCONSCIENTE POLÍTICO NAS QUESTÕES SOBRE O MUNDO RURAL EM PEDRO PÁRAMO	
Renner Coelho Messias Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2831925069	

CAPÍTULO 10	113
ESTÉTICAS NA FORMAÇÃO DE PLATEIA PARA O TEATRO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.28319250610	
CAPÍTULO 11	122
IDENTIDADE GOIANA E O MITO DO ATRASO NA OBRA DE HUGO DE CARVALHO RAMOS	
Thiago Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.28319250611	
SOBRE O ORGANIZADOR	132

FIGURAÇÃO DA INFÂNCIA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS

Eldio Pinto da Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Departamento de Linguagens e Ciências Humanas
Caraúbas – Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste artigo, serão analisados contos de *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, obra publicada pela primeira vez em 1962. *Primeiras estórias* pode trazer a discussão e o aprofundamento de temáticas do elemento infantil que levam o leitor a uma viagem para encontrar segredos e mistérios narrados. Portanto, este trabalho busca analisar o papel da representação da infância, elemento da coletividade, e pensar como isso repercute no texto literário da obra. Interessa apontar uma relação da figura infantil na obra, buscando estabelecer como se utiliza a figura do menino através da presença do imaginário infantil em “As margens da alegria”, “Nenhum, nenhuma” e “Os cimos”. Será destacado a simplicidade da linguagem, o rústico, as viagens, o imaginário, as atitudes da criança, a presença de velhos, loucos e outras personagens. Também se sente a presença do fantástico, de animais, do mistério, das memórias, sem contar que os textos demonstram uma síntese das características psicológicas e da personalidade do menino enquanto agente histórico e cultural,

principalmente por representar a infância. O livro de contos *Primeiras estórias* traz uma áurea peculiar, traz segredos, grandes e pequenos, que fascinam o leitor pela forma como foi escrito. A metodologia será a análise da narrativa literária e a fundamentação teórica envolverá autores como Roland Barthes (2007), Antonio Candido (2003), Eduardo F. Coutinho (1994), Jacqueline Held (1980), Walter Benjamin (2009), Serge Moscovici (1978), Vânia Maria Resende (1988), Ana Paula Pacheco (2006) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Menino. Representação social. *Primeiras estórias*.

ABSTRACT: In this article, will be analyzed *Primeiras estórias*, by Guimarães Rosa, a work published for the first time in 1962. *Primeiras estórias* can bring the discussion and the deepening of children’s themes that lead the reader to a journey to find secrets and mysteries narrated. Therefore, this work seeks to analyze the role of the representation of childhood, element of the collectivity, and think how this affects the literary text. It is interesting to point out a relation of the child figure in the work, seeking to establish how the figure of the boy is used through the presence of the children’s imagination in “As margens da alegria”, “Nenhum, nenhuma” and “Os cimos”. It will highlight the simplicity of the language, the rustic, the trips, the imaginary, the attitudes of

the child, the presence of old, crazy and other characters. There is also the presence of the fantastic, of animals, of the mystery, of the memories, not to mention that the texts demonstrate a synthesis of the psychological characteristics and personality of the boy as a historical and cultural agent, mainly for representing childhood. The storybook *Primeiras estórias* brings a peculiar aura, brings secrets, big and small, that fascinate the reader by the way it was written. The methodology will be the analysis of the literary narrative and the theoretical foundation will involve authors like Roland Barthes (2007), Antonio Candido (2003), Eduardo F. Coutinho (1994), Jacqueline Held (1980), Walter Benjamin (2009), Serge Moscovici (1978), Vânia Maria Resende (1988), Ana Paula Pacheco (2006) and others.

KEYWORDS: Childhood. Boy. Social representation. *Primeiras estórias*.

1 | INTRODUÇÃO

O papel social da infância como elemento da coletividade serve para pensar como isso repercute no texto literário. Nesse sentido, analisa-se a representação da infância em *Primeiras estórias*. Interessa apontar uma relação da figuração infantil, buscando estabelecer como se utiliza a figura do menino no texto. As estórias se concentram no sertão, tornando esse elemento regional em universal. Como Guimarães Rosa (1994, p. 96) ressalta “O sertão é do tamanho do mundo!” Nas estórias narradas, o elemento infantil se materializa na forma de crianças singularizadas, que, em alguns contos, percebem as dificuldades da vida, os problemas de relacionamento e animais simples que se tornam fantásticos.

Neste artigo, dedico-me à leitura de “As margens da alegria”, com observações sobre “Nenhum, nenhuma” e “Os cimos”. *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, obra publicada pela primeira vez em 1962, pode trazer a discussão e aprofundamento de temáticas que levam o leitor a uma viagem para encontrar segredos e mistérios. Também se sente a presença do fantástico, de animais, das memórias, sem contar que os textos demonstram uma síntese das características psicológicas e da personalidade do ser humano enquanto agente histórico e cultural, principalmente da infância. *Primeiras estórias* traz uma áurea peculiar, traz segredos, grandes e pequenos, que fascinam o leitor pela forma como foi escrito, como foi concebido. Sobre a leitura, o ideal a ser traçado é apontar uma leitura e compreensão narrativa do conto, especificamente para retratar a figuração da infância através do “menino” como representação.

Em *Primeiras estórias*, as personagens se constituem como agentes de revelações de saberes ocultos, caminhos entrecruzados, de travessias obscuras, de aprendizagens que se revelam ao leitor em direção ao sagrado e ao profano, a um mundo em criação, à modernização como no caso de “As margens da alegria” e “Os Cimos” ou a um lugar que a memória insiste em relembrar como em “Nenhum, nenhuma”. A figuração da infância faz o leitor imaginar crianças enveredando na fantasia, na descoberta, aprendendo e buscando novos horizontes. Sobre a temática

da infância, Ana Paula Pacheco (2006, p. 29) destaca:

A temática da infância vem sob a tônica inicial do momento paradisíaco, e como aprendizagem – tanto de uma representação da existência reduzida ao essencial, *uma “substância” guardada na infância distante* (a ser lembrada pelo narrador), quanto, posteriormente, do desencantamento do mundo, percurso de descobertas em meio ao chão histórico de que foi expulsa a poesia.

Primeiras estórias se constrói através de “imagens primeiras”, lembranças da infância, Guimarães Rosa se utiliza de anotações que fazia em sua pesquisa de campo com homens, cidades, animais, flora, fauna. A partir dessas anotações e de recordações, produziu sua obra a ponto de libertar-se delas e modificá-las. Há crianças observando e descobrindo o mundo, e um sertão de povoados longínquos e arraiais esquecidos e ignorados, movido pelo imaginário, ou “a grande cidade” em construção no planalto central do Brasil.

2 | GUIMARÃES ROSA E AS ESTÓRIAS

Guimarães Rosa estreou em 1946 com um livro de contos tipicamente regionais, mas diferentes de tudo que havia até aquele momento, assim foi *Sagarana*. O mais importante avanço na obra de estreia de Guimarães Rosa foi quanto à inventividade e à capacidade de inovar no campo da linguagem, paisagens, imagens em referência ao Sertão. Após sua estreia, Guimarães Rosa passou dez anos se dedicando à coleta de informações, através de viagens, observações, fez isto para compor o conjunto de novelas *Corpo de Baile* e para o romance *Grande sertão: veredas*, publicados em 1956. Em 1962 publicou *Primeiras Estórias* e em 1967, *Tutaméia*. Após sua morte, em 19 de novembro de 1967, surgiram três publicações póstumas: os contos *Essas Estórias* (1969), *Ave, Palavra* (1970) e *Antes das Primeiras Estórias* (2011).

O imaginário rosiano liga aspectos da realidade brasileira com a narrativa, apresentando conflitos de terras, a disputa de poderes, a construção de uma nova cidade, o ambiente rural, a expressão do sertanejo etc. As mudanças promovidas por Guimarães Rosa geraram o que Antonio Candido chamou de “super-regionalismo” e o grande feito do autor foi escrever uma obra revolucionária e descrever as paisagens do sertão, dessa maneira não se aproveitava apenas do regionalismo, mas tornava-o elemento pluridimensional e o universalizava.

Sobre a lógica racionalista na obra rosiana e a construção dos personagens, Eduardo F. Coutinho (1994, p. 23) declara:

O questionamento da lógica racionalista é sem dúvida um dos traços mais significativos da obra rosiana e se expressa, além dos aspectos citados, pela simpatia que o autor devota a todos aqueles seres que, não encarando a vida por uma óptica predominantemente racionalista, inscrevem-se como marginalizados na esfera do “senso comum”. É o caso de loucos, cegos, doentes em geral, criminosos, feiticeiros, artistas populares, e sobretudo crianças e velhos, que, por não compartilharem a visão imediatista do adulto comum, impregnam a ficção do autor com a sua sensibilidade e percepção aguçadas. Esta galeria de

personagens intuitivos, a que se acrescentam também outros dominados por estados de “desrazão” passageiros, como a embriaguez ou a paixão, figuram ora como secundários ora como protagonistas das estórias de Rosa, mas em ambos os casos são eles que conferem com frequência o tom de todo o texto.

Primeiras estórias é uma coletânea de 21 (vinte e um) contos, que na época de lançamento não teve o impacto que tem hoje, percebe-se isto porque o texto lido com mais frequência atrai o interesse do leitor. O autor elaborou os contos com maestria e explora o uso da linguagem por excelência, o lado místico e excêntrico e o fator psicológico, é possível que o leitor tenha uma ansiedade para encontrar imagens idealizadas, recordações, memorizações de viagens e lugares, encontros e desencontros entre as personagens. Na sua narrativa, Guimarães Rosa utiliza recursos criativos, um deles é sobre a elaboração do título, que ao invés de escrever “histórias” como forma de narração, preferiu inserir o termo popular “estórias”. E a palavra “primeiras” é empregada para ressaltar narrativas elementares colocadas em um livro com originalidade, mesclado com características voltadas para crianças e adultos, como se quisesse dizer: “primeiras estórias da infância”, “primeiras recordações da infância”, “coisas da infância”. Na Introdução, o texto “Os vastos espaços”, Paulo Rónai (2006, p.18) explica o título:

O epíteto não alude a trabalhos da mocidade ou anteriores aos já publicados em volumes, e sim à novidade do gênero adotado, a ‘estória’. Esse neologismo de sabor popular, adotado por número crescente de ficcionistas e críticos, embora ainda não registrado pelos dicionaristas, destina-se a absorver um dos significados de ‘história’, o de ‘conto’ (short story). A oposição conceitual resulta nitidamente deste trecho de ‘Nenhum, Nenhuma’: ‘Era uma velha, uma velhinha – de história, de estória – velhíssima, e inacreditável.’

Embora o termo, hoje em dia, já apareça também sem conotação folclórica, referido às narrativas de Guimarães Rosa envolve-se numa aura mágica, num halo de maravilhosa ingenuidade, que as torna visceralmente diferentes de quaisquer outras.

Como é comum em livros de contos, os textos não apresentam relação íntima de um com o outro, com exceção de três deles que têm como narrador e personagem um menino, ou seja, um representante infantil: o primeiro conto apresentado “As margens da alegria”, um de centro “Nenhum, nenhuma” e o último “Os cimos”. Conforme Ana Paula Pacheco (2006, p. 25), na obra há uma multiplicidade de narradores nos textos de Guimarães Rosa, mas seus textos em *Primeiras estórias* são: “Como *molduras temporais*, os contos inicial e final situam o livro. Remetem o leitor a um quadro histórico, assinalando onde e fazendo cogitar, à maneira da tradição novelística, por que as *Primeiras estórias* estão sendo narradas.”

Primeiras Estórias se estrutura como narrações de aventuras, viagens e chegadas. O primeiro, “As margens da alegria”, e o último conto, “Os cimos”, são dois momentos marcantes na vida de um menino, possuem assim um protagonista comum, seus acontecimentos se interligam, com personagens comuns, o Menino, seus Tios, e revivem duas aventuras no mesmo lugar, uma terra em que se constrói a “grande

cidade”. O narrador inicia retratando o tema da viagem como uma chegada, um passeio, a ida, outra vez chegada. Nos contos, também se pode observar uma íntima relação em dois aspectos: a viagem no espaço físico e a viagem no espaço psicológico das emoções. No livro, as narrativas estão separadas por outros momentos e outros narradores, mas as duas em questão, têm-se um Menino que vive experiências ao viajar a um lugar que muda em face do desenvolvimento e da tecnologia. O enredo expõe as lembranças da infância, produzindo imagens de um momento histórico - a construção da capital federal.

Em “As margens da alegria”, o narrador aos poucos nos apresenta o Menino e, assim como ele, as outras personagens são nomeados pelo grau de parentesco. No primeiro conto, o Menino se deslumbra com a movimentação de pessoas, máquinas e as novidades no local onde se ergueria a grande cidade — Brasília. De todas as coisas que observa, a que mais lhe encanta é um peru, no centro do terreiro. O Menino sai para passear e ao retornar, só consegue pensar na ave. O animal é morto, ele sai para ver o peru novamente e só encontra restos pelo chão e se entristece. Mais tarde, o Menino vai para outro passeio, ao retornar a alegria se desfaz ao encontrar, no terreiro, outro peru que bicava a cabeça do primeiro com ferocidade. Chega a noite e a criança vê um vaga-lume e se alegra novamente com o brilho do inseto.

Em “Nenhum, Nenhuma”, o narrador recorda, quando criança, que estivera hospedado por vários dias numa fazenda e vira um casal de namorados ter que se separar porque a moça não podia abandonar uma velhinha que parecia teimar em viver e se empenha em tentar conseguir o reencontro entre o passado e o presente. Os acontecimentos são registrados em 1914 e o narrador refaz uma série de reminiscências de sua infância, mas de forma caótica. Nessa viagem, o narrador encontra um velho casarão, uma Moça, um homem sem aparência, talvez o pai da Moça, o que depois se confirma. Também estão presentes o Moço e o Menino, o último observa tudo que acontece, principalmente o relacionamento do casal, os problemas e a possível solução. O texto se diferencia do primeiro e do último conto, mas a grafia exposta nos nomes das personagens se associa. Um mistério atrai o Menino: a presença de uma senhora idosa que ninguém sabia quem era e nem quantos anos tinha, mas era muito bem tratada pela Moça. Outras imagens surgem. O Moço gostaria de se casar com a Moça, mas ela não aceita o convite e se nega ao casório. O Moço não convence a Moça para se unirem e precisa partir e com isso retorna com o Menino. Ao retornar à sua casa, o Menino, que recorda da situação vivido pelo casal e do relacionamento conturbado, num desatino, chora e grita que os pais não se amavam mais, percebendo uma situação conflituosa, falando “*Vocês não sabem de nada, de nada ouviram? Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam! ...*” (ROSA, 2006, p. 106, grifos do autor). Para Vânia Maria Resende (1988, p. 32):

No conto “Nenhum, nenhuma”, de *Primeiras Estórias*, o Menino, com o mesmo caráter simbólico, entra no texto, demarcando margens entre as fases da infância e da vida adulta, respectivamente, definidas por uma concepção mítica e por uma

concepção lógica ao se relacionarem com a realidade.

No conto em questão, o Menino como representação tenta compreender os dilemas da vida e a cumplicidade de sua memória e constitui a procura da origem, que está no cerne da construção da narrativa. De início, o Menino não é reconhecido, logo o narrador passa a apresentar diferentes pontos-de-vista, nele se representa a voz do adulto que quer lembrar da infância e a voz do Menino na narrativa retoma esta ideia.

“Os cimos” é o último conto em *Primeiras estórias*, novamente o mesmo Menino do início do livro aparece na narrativa. Agora, ele está triste e pensativo, apesar de retornar para a grande cidade, o motivo da viagem e da chegada é outro: sua querida mãe adoeceu e a família decide afastá-lo para não presenciar e assistir um momento tão doloroso. O Menino viaja e não se sente feliz e por isso nada consegue atrair sua atenção. Entretanto, num dia, passeando, o Menino percebe a presença de um tucano e a imagem do pássaro o surpreende e ele se encanta. Desse modo, tem um pouco de distração, depois que passou o dia inteiro pensando na mãe. O Menino percebe que o tucano voltava todo dia naquele mesmo horário. Eis que a família recebe um telegrama: o Tio fica apreensivo. O Menino passa a mentalizar pensamentos positivos para rever a mãe saudável. Logo, sabe que ela se recuperou e que pode retornar para casa.

Nos contos destacados, percebe-se a figuração da infância através da representação da criança que encara a alegria ou a tristeza, compartilha de momentos diferentes, nessa relação, pode-se considerar a observação de Vânia Maria Resende (1988, p. 43), que destaca: “A personagem infantil medeia entre luz e sombra, porque esses elementos têm um sentido simbólico, equivalente às duas faces da existência: luz (maravilha / belo / alegria) e sombra (aspereza / feio / tristeza).”

O narrador se faz entender em um mundo da infância, ressalte-se o que Jacqueline Held (1980, p. 131) destaca: “Todos os escritores que permaneceram próximos da infância perceberam a importância dessa dimensão cotidiana da existência infantil”. Assim, vale observar que em alguns textos de *Primeiras estórias*, Guimarães Rosa mergulha num universo infantil, distanciando-se do mundo adulto. Há a presença de crianças, meninos que vasculham ou tentam desvendar, com muita astúcia, a alma humana, isso tudo com a finalidade de captar as inquietações e as agruras humanas. Desse modo, o autor realiza uma provocação, evoca a figuração do elemento infantil para promover situações tristes, alegres, nostálgicas, memorialistas etc. Nesse sentido, considere-se a assertiva de Barthes (2007, p. 33):

O escritor realiza uma função, [...] ele age, mas sua ação é imanente ao objeto, ela se exerce paradoxalmente sobre seu próprio instrumento: a linguagem; o escritor é aquele que *trabalha* sua palavra (mesmo se é inspirado) e se absorve funcionalmente nesse trabalho. A atividade do escritor comporta dois tipos de normas: normas técnicas (de composição, de gênero, de escritura) e normas artesanais (de labor, de paciência, de correção, de perfeição).

O ofício do escritor é uma atividade árdua quanto ao objeto, ele realiza a função de agir e interagir com a linguagem, produzir artifícios que mantenham a atenção e dialoguem com o leitor. Assim, o escritor elabora a obra, trabalha com os recursos linguísticos disponíveis, refletindo na elaboração técnica para produzir imagens mnemônicas. Nesse sentido, as narrativas de Guimarães Rosa criam e recriam um universo marcado pela linguagem, pelos extratos sociais e culturais, paisagens locais, das quais se pode fazer uma reflexão da realidade.

3 | A FIGURAÇÃO DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA”

A figuração representativa do elemento infantil faz o leitor se encarregar de mobilizar emoções, afetividade, conceber o mundo da infância. Os contos que representam o menino em *Primeiras estórias* retratam universos nos quais reina a magia, o imaginário, a sabedoria popular, o cotidiano das pessoas etc. Diante disso, podem-se refletir estas considerações com a assertiva de Walter Benjamin (2009, p. 58) ao destacar a relação da criança com o conto maravilhoso e a construção de seu mundo:

A criança consegue lidar com os conteúdos do conto maravilhoso de maneira tão soberana e descontraída como o faz com retalhos de tecidos e material de construção. Ela constrói o seu mundo com os motivos do conto maravilhoso, ou pelo menos estabelece vínculos entre os elementos do seu mundo.

Nos contos em que há o elemento da infância como participantes da narrativa, percebe-se a figuração infantil como um ser puro que não se sujeita às impurezas do adulto, elas filtram e revelam os mistérios da vida e lutam contra si mesmas e contra os outros para realizar seus desejos. Ao ampliar a experiência, o menino de “As margens da alegria” aguça sua imaginação. Portanto, quanto mais ouve, observa e vê, experimenta, aprende e assimila, aumentando a atividade imaginativa. O trecho inicial do conto em questão apresenta-se assim:

Esta é a estória. Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. [...] O menino fremia no acorçôo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes ralar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se - certo como o ato de respirar - o de fugir para o espaço em branco. O Menino. (ROSA, 2006, p. 49).

A narrativa inicialmente marca a figuração do infância da seguinte maneira: “Esta é a estória. Ia um menino [...]”, o narrador não faz uso do tradicional do “era uma vez”, mas faz o leitor pensar “Era uma vez um menino”. Logo “um menino” passeia na memória, aos poucos se descreve o ambiente, apresenta as personagens, que no primeiro parágrafo são marcados como membros familiares. Esta atitude, que não remete a nomes, cobra uma reflexão do leitor/ouvinte sobre o fato de que não há

importância para nomeação das personagens, mas sim representar o elementos sociais da constituição familiar e retratar os acontecimentos que induzem o conhecimento do ser humano. Com isso, o narrador poderia apresentar o “Era uma vez”, “Num certo lugar”, “Certa vez”, todos sugerem uma expectativa de continuidade. Tais inícios, embora indefinidos, simbolizam uma sequência de ideias, imagens, fazem com que se deixe o mundo real para ingressar em lugares estranhos, desconhecidos, antigos, novos, próximos, distantes, etc. A ação do narrador traz um silêncio que gradativamente desaparece e volta ao final do parágrafo, até que se apresenta um elemento infantil “O Menino”. Sob o universo infantil figura um mundo em estado de beleza e a mágica proposta por “Era uma vez” de aventuras, de contos fantásticos recria o momento histórico da terraplenagem no Planalto Central para a construção da capital federal.

Pode-se perceber que enquanto o autor não mostra o enredo, apresenta o nome “menino” grafado com inicial minúscula. À medida em que o leitor passa a conhecer a narrativa, percebe-se a introdução do menino como representação social. É possível notar uma mudança na forma de caracterizar as personagens pelo modo de escrever os nomes, que mesmo sendo profissionais ou entes familiares, são caracterizados pela inicial maiúscula como se fosse nome próprio. Na narração, surge “um menino” indefinido e a partir do final do primeiro parágrafo aparece “O Menino” definido e com inicial maiúscula.

Para Ana Paula Pacheco (2006, p. 29): “O foco em terceira pessoa marca uma distância intransponível, mas todo esforço do narrador é organizar a narrativa pelo olhar do personagem, como se *junto com* ele, o que se passa na viagem fosse visto pela primeira vez.” Na leitura, os contos vão permitir que se faça uma viagem ao interior da sua mente, ao universo em construção, silêncios, barulhos, máquinas, espaços em branco, com a presença de familiares ou de pessoas estranhas. Sobre a questão da constituição de um conto, Jacqueline Held (1980, p. 43-44) enfatiza:

[...] a temática do conto instaura entre os seres e as coisas um modo de relação que ultrapassa a lógica adulta estrita, mas que vem ao encontro dos desejos da criança e os preenche. O “Era uma vez” constitui o “Abre-te Sésamo” de um universo de liberdade onde tudo pode acontecer.

Na elaboração de um conto caracterizado pela figuração infantil, encontra-se um mundo voltado para a criação de seres e coisas de um modo bem particular, explicitando uma relação que ultrapassa a lógica do adulto, principalmente por se estabelecer conforme os desejos da criança. Há sempre uma vinculação ao “Era uma vez” como se enveredasse num universo de liberdade em que tudo pode se realizar. A figuração da infância em “As margens da alegria” e em “Os cimos” mostra um menino que tem vontade de viajar, passear pela lugar visitado, o qual se realiza como um sonho. Entra na aventura, ri e saboreia o que vê pela magia das cores, das flores, das imagens no alto, pelo contato com o avião. O “abre-te sésamo” é a viagem e os tesouros são todas as aventuras, descobertas e experiências que acontecem.

No texto se expressa a importância da construção da cidade, não é “uma

grande cidade”, mas “a grande cidade”, isso dá um caráter de referência histórica, o da construção de Brasília que já nasceu como “a grande cidade”: “A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares.” (ROSA, 2006, p. 50); “Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo. Ele abria leque, impante, explodido, se enfunava...” (ROSA, 2006, p. 53).

A personagem central da narrativa “As margens da alegria” é bastante observador, percebe o mundo bem do alto, com um olhar que se dirige ao universo, a grandiosidade do espaço, do lugar em que se encontra (avião), busca conhecer o funcionamento das coisas, de como o homem ocupa o espaço geográfico, tomando o lugar da paisagem natural:

Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solicito de bem-humorado, o Tio ensinava-lhe como era reclinável o assento bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o amável mundo. Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O Menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois - assim insetos? Voavam supremamente. O Menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso. Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a Tia já lhe oferecia sanduíches. E prometia-lhe o Tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O Menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem. Chegavam. (ROSA, 2006, p. 50).

Essas experiências são marcantes na memória do menino, mas uma ansiedade parece ser proposta ao leitor, a qual se reflete na espera do que vai acontecer e prestes a se revelar. A expectativa é descobrir o que então esse menino vai enfrentar nessa jornada, o que lhe preocupa, quais são seus desejos e os problemas a superar. Jacqueline Held (1980, p. 130) destaca: “Os desejos da criança estão na medida de seu mundo, de suas preocupações, de seus problemas.”

O narrador quer aguçar a curiosidade do leitor, orientando para que perceba as alegrias e tristezas que serão narradas. Mostra que o menino vai aprendendo, parece silencioso ao observar tudo que lhe ensinam, assim vive as alegrias do momento, olhando as paisagens do alto, no meio das nuvens, comparando sua visão com a visão de um gigante que vê tudo em miniatura, homens, bois, cavalos, meninos, todos como formigas ou seres minúsculos. O narrador expõe que o elemento infantil tem a sua disposição tudo o possível, mas não conseguia ter nada, apenas observava. A viagem não sai de sua memória, via às nuvens numa sequência e uma maior que a outra, se aventura no espaço para encontrar um mundo desconhecido, as imagens, o movimento do avião, a visão dos animais, tudo faz o enveredar por um universo de descobertas. Segundo Jacqueline Held (1980, p. 106): “A aventura: atração pelo mundo desconhecido, misterioso, porém próximo; atração que toma forma. Dialogar com o animal, falar sua língua, compreendê-lo fazem parte do encanto do universo

dos contos”.

A figuração da infância através do menino é uma representação social e Guimarães Rosa utiliza-se dessa figura para reconhecer a sociedade em desenvolvimento, a modernização do espaço e o coloca para olhar o futuro do alto. Essa personagem pode representar uma coletividade, no caso a criança, e fatores como a fantasia, a curiosidade mobilizam o imaginário do leitor em torno da infância. De acordo com a Teoria das Representações Sociais:

Uma Representação Social define tanto o estímulo quanto a resposta que evoca. Para além de um simples guia para o comportamento, ela remodela e reconstitui os elementos do ambiente em que o comportamento se sucederá; dá a este seu significado e o integra a um sistema comportamental e relacional maior. (MOSCOVICI, 1978, p. 56).

O Menino descobre, tem uma “visão cartográfica”, observa um jogo de cores instalado no planalto central que passará por mudanças, principalmente um ambiente novo, em desenvolvimento, um lugar que se constrói, se amplia com a modernização, um mundo novos e faz, “a grande cidade” que se esperava em curto tempo: 50 anos em 5, lembrando o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek. O narrador dispõe para que o leitor observe a viagem de avião, o espaço geográfico, as paisagens, o canto dos pássaros, a construção da grande cidade e, o mais surpreendente, uma ave que agrada o menino:

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão brusco, rijo se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto - o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitriante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. (ROSA, 2006, p. 52).

A experiência vivenciada retoma os desejos da infância, as alegrias de encontrar novos lugares, ver um animal e se fascinar com ele é apreciar sua perfeição, além de perceber a diversidade natural e características próprias de cada ser vivo. Para o Menino, o momento é de aprendizagem, pois quer perceber as feições do animal que lhe surpreende. Ele vivencia diversas experiências: o reconhecimento do avião, o voo, as paisagens no céu e no chão; mais que isso, constatar suas descobertas com simplicidade. O narrador as apresenta como uma revelação da vida, uma forma de aquisição de conhecimento:

O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o Tio falava: que ali havia “imundície de perdizes”. A tropa de seriemas, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de garças. [...] Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares.

Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas. Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa? (ROSA, 2006, p. 52).

O Menino podia se satisfazer por completo com o passeio no avião, com a visão do alto das nuvens, com as paisagens, a grande cidade ou com a flora e a fauna, mas não, mesmo ao explorar o ambiente, ele se encanta com um peru, um peru imperial. Mas quando o Menino se depara com a ave percebe como um ser imponente e rico em cores, que seduz seu olhar e sua sensibilidade. O que vem em seguida é morte do animal, essa convivência com a morte é impacto para si, a perda de algo inusitado e cheio de beleza o faz pensar na interferência do homem sobre o ambiente. A morte da ave se configura como uma preocupação com a natureza que era tomada pela grande cidade. Essas experiências vivenciadas expõem sua busca pelas coisas mais simples, por momentos sublimes e instantes de reflexão. Cabe ao narrador expressar tais momentos e expô-los ao leitor, num processo de busca e de realização dos desejos e de aprendizagem do ser humano. Para Jacqueline Held (1980, p. 106), é natural as crianças se encantarem com animais, deslumbrar as imagens que proporcionam, se entusiasmar com a vida animal: “Entreter-se com o animal, e também viver sua vida interior, estar ‘em sua pele’”.

O Menino não apenas observa, mas se interroga sobre os interesses do homem, por que se cometem algumas atitudes, suas reações com o mundo, a visão do animal e posteriormente o sentimento da morte, as mudanças de espaço, o ambiente de descoberta, as variações entre o sonho e a realidade. O menino se enche de admiração ao observar o peru e se fascina com sua beleza, mas se entristece com as interferências do homem:

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento. Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha. Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto - transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de pilões, as betumadoras. E como haviam cortado lá o mato? - a Tia perguntou. Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca.

A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara..., e foi só o chofre: uh... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapreara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acerto - o inaudito choque - o pulso da pancada. O Menino fez ascas.

Olhou o céu - atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esguieira do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos - da parte de nada. Guardou dentro da pedra. (ROSA, 2006, p. 52-53).

O Menino resguardava-se, parecia cansado, continha o desejo intenso de descobrir para não alimentar ainda mais o pensamento. Uma tristeza imensa o atormentava, a imagem do peru, o seu silêncio doía por causa do sentimento em torno da morte do animal. Diante do cansaço, as imagens do espaço sendo transformado, vão aparecendo numa sequência de movimentos: homens trabalhando, caminhões circulando, árvores sendo derrubadas, o imenso vazio sem paisagens, sem animais ou aves e a poluição do ar empoeirado. O Menino percebia as mudanças, a beleza do espaço natural tomava outra forma, o ambiente devastado ganhava ares modernos com o movimento das máquinas, da destruição para a construção, de homens ocupando a terra com compressoras, caçambas, cilindros, betumadoras e toda movimentação para transformar o lugar na grande cidade, com um imenso aeroporto para abrigar grandes aviões. O Menino prevê o futuro ao observar o tamanho do espaço sendo transformado, mas aquilo não lhe provocava emoção e sim um medo do mundo que ali se formava. As mudanças o faziam ficar cabisbaixo diante da derrubada das árvores e do amontoado de madeira.

Não era apenas a imagem da morte do peru que o entristecia, mas também as imagens da devastação, a sua frente lâminas cortando, o limpa-trilhos, o machado da construção. Será que o menino queria ver tudo aquilo? O movimento das máquinas continuava, os homens apressavam-se para retirar os entulhos e nivelar o terreno, percebia-se alguns fumando e conversando sobre o trabalho duro que faziam naquele lugar onde era só paisagens naturais. O barulho de serras elétricas e tratores, cortando e empurrando, aquilo desagradava o Menino, tudo o deixava aflito por perceber quão doloroso é para a natureza as mudanças provocadas pelo homem no ambiente. Ele não podia fazer nada, nem com a árvore mais simples. Ao ver toda aquela movimentação, sentiu repugnância pelas ações do homem contra a natureza.

Nos contos de Primeiras histórias em que há a figuração da infância como representação social expressa o universo do ser humano, em especial o infantil, e Guimarães Rosa pela sua destreza com o uso da linguagem enfatiza o subjetivo, o desconhecido, o provável e o improvável, com o uso de seu conhecimento da alma humana expõe a interioridade e o indivíduo. O autor focaliza em suas personagens a ansiedade e a esperança pela sobrevivência.

“As margens da alegria” encontra-se narrado em terceira pessoa e apresenta consonância com “Os cimos”, isso fica bem claro na própria introdução do texto: “Outra era a vez. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade.” (ROSA, 2006, p. 224). No caso, o Menino tem a possibilidade de retomar sua memória para um tempo esquecido, perdido, assim rever um momento de aflição, com a Mãe doente, motivo pelo qual tudo lhe parece traiçoeiro. A visita de um tucano que, solitário, sempre vinha à copa das árvores comer,

transmite ao menino, em meio a tantos transtornos e incertezas, a beleza e harmonia das cores em contraposição à preocupação com a mãe:

E: - “Pst!” - apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro - depois de seu vôo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. (ROSA, 2006, p. 171).

Em “Os cimos”, o Menino, ao vivenciar o mundo adulto, tenta esquecer os problemas da vida para entender o ambiente que o cerca. Segundo Ana Paula Pacheco (2006, p. 37): “Com sua chegada ergue-se o dia, ensinando ao Menino a sobrevivência e a gratuidade da beleza, a despeito da morte que espreita. [...] Com seu aparecimento, porém, o que ressalta a princípio, em contraste com a beleza, é a imperfeição do tempo, sentida pelo Menino como mutilação”

As referências são claras entre “As margens da alegria” e “Os cimos”, a grande cidade, a viagem, paisagens naturais, as personagens identificadas apenas pelo parentesco e a figuração do elemento infantil, a alegria ao ver determinados animais. O que diferencia é a forma pela qual se expõe a escritura, a marcação, no primeiro se divide em 5 (cinco) partes numeradas em algarismos romanos, enquanto que no segundo se aplicam 4 (quatro) partes nomeadas da seguinte maneira: O inverso do afastamento; Aparecimento do pássaro; O trabalho do pássaro e O desmedido momento.

Na “viagem inventada no feliz”, o menino descobre, aventura-se, fica no alto das nuvens, mas o que lhe surpreende é a beleza de um peru, que nas suas reflexões têm uma morte cruel. Em “Os cimos”, o Menino sente falta da mãe, isso o remete às coisas ruins, sua agonia é crescente por pensar na mãe doente, mesmo assim presencia o voo de um tucano, que pousa num galho, alimenta-se e novamente voa. O voo do tucano em direção do sol o remete à esperança, à renovação das forças. O menino aprende a esperar, a deixar as coisas acontecerem. Com o tempo, a ideia da morte desaparece, sua mãe melhora e ele retorna para o lar.

As lembranças do narrador em “Nenhum, nenhuma” se estabelecem em estereótipos antigos que, muitas vezes, subestimam a sua capacidade de enveredar no universo infantil e nas relações entre o Moço e a Moça, trazendo reações quanto ao relacionamento de seus pais.

Nas narrativas em que se destaca a infância, elementos podem surgir pela construção do narrador, o discurso, o tema, o ponto de vista, o espaço, a elaboração das personagens e suas relações correlacionados à criança, sem que haja a interferência reguladora do adulto

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação aos contos narrados em *Primeiras histórias*, tem-se relatos comoventes em que se ressaltam com intensidade as lembranças de uma infância esquecida, imaginária, tentando escapar da ansiedade adulta. Desse modo, o autor busca mostrar ao leitor o quanto é importante viver a infância, tentando fazer com que se enverede nas aventuras do menino e se identifique com o protagonista. Ou seja, o leitor percebe o que há de comum na infância de cada menino, suas passagens pelas estradas da vida, em seus estados de alma, nos conflitos com o mundo, suas descobertas fascinantes, a vontade de brincar e descobrir a cada momento a solução para suas dúvidas. Por isso, a temática voltada para a representação da infância vem sob uma tônica de descobertas e a visão da novidade que reúne a percepção da realidade com a morte do peru imperial e o posterior encontro com um vaga-lume, momento em que “A totalidade de um mundo que vence as sombras reduz-se ao instante, fulguração de infinito que o Menino, contudo, apreende.” (PACHECO, 2006, p.35).

A leitura dos textos de *Primeiras Histórias* mostra uma concepção de infância na visão do adulto comprometido com a construção da alegria e da fantasia. A criança serve para mobilizar o imaginário como também apresentar um mundo em desenvolvimento, mostrando a experiência do sujeito moderno e seus valores. Os textos se alimentam de um passado comum que é a rememoração de acontecimentos na infância, mas que nos revelam modelos de narrativas distintas, principalmente na relação das personagens que representam a infância.

Percebeu-se, assim, que o viés infantil ligado com a voz do narrador serve para reproduzir seu ideário, aderindo isso ao discurso das personagens. As narrativas mostram personagens infantis que buscam uma passagem do mundo da imaginação para a realidade. Desse modo, os recursos linguísticos simulam o pensamento infantil. Portanto, a figuração da infância como representação social é um dos pontos altos na série de contos em *Primeiras histórias*, serve como celebração do universo infantil, sendo retratado em contos específicos: o primeiro, um de centro e o último da obra. E o Menino, quando participa dos acontecimentos, vai vivendo conflitos, os quais vão sendo solucionados, assim ele entende melhor como funciona o mundo e o que se passa ao seu redor. Além disso, o que ele vai percebendo oferece novas dimensões à sua imaginação, descobrindo as coisas por si só. É desse modo que o Menino, sempre sem nome específico, serve como a personificação da infância e com isso ele se encontra em um mundo de descobertas. O contato com a realidade mostra-se perfeito aos seus olhos, mas a tristeza e a alegria podem estar próximas, orientando os acontecimentos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Crítica e a verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 3. ed., 2. reimpr., São Paulo: Perspectiva, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação**. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela Noite e outros ensaios**. 3. ed., 2º imp., São Paulo: Ática, 2003.

COUTINHO, Eduardo F. Guimarães Rosa: Um alquimista da palavra (Prefácio). In: ROSA, J.G. **Ficção completa em dois volumes**. Volume I. Organização e prefácio de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Trad. de P. A. Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PACHECO, Ana Paula. **O lugar do mito: Narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa**. São Paulo: Nankin, 2006.

RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 19-47.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

_____. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-428-3



9 788572 474283